

Gigantes vermelhos e sapos cantores

Crônica de Hudson Malta/2007 – www.hudsonmalta.com

Todos os direitos reservados.

Ilha da Jipóia, Arquipélago de Ilha Grande, Rio de Janeiro. Tudo está verde. Até o ar parece verde. Não dá pra ver o céu, tal é a altura e densidade das copas. Alguns focos de luz solar ultrapassam esta barreira aqui e ali, acendendo brilhantes bolotas amarelas nas folhas e pedras da trilha estreita. Isto aumenta o clima de beleza e mistério deste templo esmeralda, como num filme de fadas e duendes. Está muito quente e úmido, estou coberto por picadas de mosquitos, e não encontro o dono daquele coaxar insistente, que parece dizer: “Quer foto? Me ache primeiro!”. Saio da trilha, entro nas folhagens (“Será que tem cobra?”, questiono. Que ingênuo, claro que tem.). Volto à trilha, procuro e não acho o tal cantor. “Bicho difícil”, penso. De repente, através de folhas e galhos, vejo algo pequeno se mexendo debaixo de uma raiz distante, iluminado por uma bolota de sol. O movimento parece um vai-e-vem pulmonar, uma respiração calma, suave. “É ele!”, animei. Saio novamente da trilha e atravesso vagarosamente grandes folhas. Ajoelho no chão e posiciono a Nikon. Procuro o foco, me contorço apoiado no solo molhado e tento esquecer os irritantes mosquitos. “É a foto do ano”, fantasio. Foco perfeito e...

“Sou um idiota!”. Uma folha seca suspensa a milímetros do chão por uma tênue teia, dançando lentamente ao sabor da leve brisa, reflete o sol a cada giro, me fazendo acreditar que era o pequeno sapinho inflando seu papo. Apenas através da ocular consegui ver tudo com clareza, coisa típica da fotografia: nos revelar verdades quando achamos que já as conhecemos bem.

Volto à trilha, rindo de mim mesmo. Eu, minha câmera e a floresta, testemunhas da cena pitoresca. O leve coaxar se transforma então numa irônica risadinha – “quíá, quiá, quiá” – brincando com minha dificuldade na integração a tão maravilhoso ambiente. Dou de ombros e desisto de procurá-lo. Tiro a 300mm e coloco uma 105mm macro acoplada à uma 50mm invertida. Sempre há insetos para salvar o dia, e eles não riem de mim. Pelo menos, eu nunca ouvi.

Continuo mergulhado naquele mundo verde, como bolha de ar na gelatina de limão, totalmente envolvido. Ando pela verde e densa atmosfera, ao mesmo tempo finíssima e gelada, sempre com a camera pronta. “Muito bom estar aqui”, reflito, enquanto curvo o corpo e encurto minha visão para encontrar criaturas minúsculas. Leva alguns minutos, mas é necessário “tunelar” o olhar para encontrá-los. O cérebro se prepara para aguçar as percepções visuais, o passo fica mais lento, a respiração mais controlada. Se você não ajusta seu bioritmo, não consegue enxergar a microfauna, muito menos fotografá-la. Estou vestido com roupas escuras, meio ocre, muito discretas, na tentativa de me mesclar ao cenário e assustar menos os meus pequenos modelos. “Seria melhor se estivesse de verde”, penso novamente. É impossível desligar os pensamentos nestes momentos, tal é a introspecção. Santa terapia...

Súbito, algo me salta à vista. Um vermelhão intenso, quase obscuro, tão absurdamente destacado da paisagem verde-esmeralda que não pude deixar de me encantar. Foi quase um tropeção. A minha percepção, já devidamente aguçada, viu uma mancha escarlate, imensa, pulsante, andando por entre as folhagens. O que era aquilo? Mas pasmem, apenas uma ninfa de percevejo, medindo uns 3mm (isso mesmo, 3 milímetros) de comprimento, totalmente vermelho-vivo, passeando por uma folha de um verde quase fosforescente, recém caída no chão. Bolota de sol iluminando a cena, como um canhão de luz no teatro. Lindo. Um contraste tão intenso e belo que seu diminuto tamanho nunca poderia deixá-la despercebida, não com aquela cor. Pequeninha? Ora, mas esse é justamente esse o interesse maior. Afinal, para um apaixonado por macros de insetos, “quanto menor, melhor”. Com aquele vermelho, então...

Deito de bruços no chão. Apoio a camera, essa fiel companheira, no substrato escuro e folhoso da mata, a 3 centímetros daquela criatura tão destacada. O cheiro de terra boa invade meu nariz. “Como esse bichinho se livra dos predadores?”, penso de novo, surpreso com sua total falta de camuflagem. Será que essa cor indica que é venenoso? Provavelmente...

Peito no chão, meu coração bate forte, atrapalhando o foco. Quando se usa objetivas invertidas, não dá para focar pelos métodos tradicionais, é necessário aproximar e afastar sutilmente a camera do modelo até encontrar o foco. Automático? Nem pensar. A sensibilidade é tão grande, e a profundidade de campo tão reduzida, que qualquer suspiro mais afoito inutiliza o registro do momento. Acho o foco nos olhos segmentados do bichinho, e... click.

Os mosquitos fazem uma festa. Quase chorando de emoção (ou seriam as picadas?), me levanto, limpo as folhas secas da roupa e do equipamento, verifico a cena no visor e abro um largo sorriso. A foto poderia ter ficado melhor, mas o momento.. Ahh, o momento! Lá embaixo, o pequeno mas grandioso pontinho vermelho continua a passear por sua folha. Deixo-o seguir seu caminho. Inesquecível.

Fiquei o resto do dia pensando sobre as reflexões que a fotografia nos permite. Sensibilizado, aquele pequeno insetinho vermelho de 3mm me parecia um animal agigantado, presente, imponente. Refleti sobre os sentimentos intensificados dos fotógrafos que passam por momentos únicos, seja no trabalho, seja no lazer. Pensei nos fotógrafos das guerras, das favelas, dos fatos em jornais diários, dos flagrantes das cidades, dos safáris, e em tantos outros. Imaginei como suas emoções ficam multiplicadas por detrás das lentes. Fiquei feliz por sentir emoção parecida e por também estar neste barco, mesmo que seja apenas fotografando criaturinhas tão pequenas. Foi quando me dei conta que, se tivesse aguçado minha percepção mais cedo, certamente encontraria o tal sapinho. Na próxima ele não escapa..

O Autor

Hudson Malta, 37, morador de Teresópolis/RJ, tem na fotografia amadora o complemento natural de uma arte que começa na sua infância: o desenho artístico. Sempre envolvido com artes e atividades na natureza, procura trazer para seus registros fotográficos uma compreensão de luz e tema típica dos desenhistas, onde os contrastes fortes e marcantes estão sempre ligados à imagens que trazem mensagens objetivas.

Em 2006 alcançou o segundo lugar no Concurso Fotográfico da Fundação SOS Mata Atlântica, fato que lhe serviu como incentivo para intensificar sua produção fotográfica. Vivendo cercado das montanhas e florestas da serra fluminense, certamente possui uma fonte inesgotável para sua busca por imagens surpreendentes da natureza e do homem.